

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA**

**AUTOCONCEITO: A CRIANÇA, SEU OLHAR E O PROCESSO DE
APRENDIZAGEM**

THALITA MOREIRA RODRIGUES

BRASÍLIA 2017



THALITA MOREIRA RODRIGUES

AUTOCONCEITO: A CRIANÇA, SEU OLHAR E O PROCESSO DE APRENDIZAGEM

Trabalho Final de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia à Comissão Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, sob a Orientação da professora Dra. Silmara Carina Dornelas Munhoz.

BRASÍLIA 2017

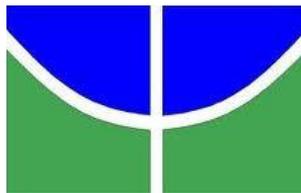
RODRIGUES, Thalita Moreira.

Autoconceito: A criança, seu olhar e o processo de aprendizagem / Thalita Moreira Rodrigues, Brasília - DF, 2017.

Total de f. 51

Monografia (graduação) – Universidade de Brasília Curso de Pedagogia.

Orientadora: Silmara Carina Dornelas Munhoz



Monografia de autoria de Thalita Moreira Rodrigues, intitulada *Autoconceito: A criança, seu olhar e o processo de aprendizagem*, apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia da Universidade de Brasília, em 11 de dezembro de 2017, defendida e aprovada pela banca examinadora abaixo assinalada:

Prof^a. Silmara Carina Dornelas Munhoz - Orientadora

Faculdade de Educação, Universidade de Brasília

Prof^a. Carla Castelar Queiroz de Castro – Examinadora

Secretaria de Estado de Educação - SEE/DF

Prof^a. Simone Lisniowski – Examinadora

Faculdade de Educação, Universidade de Brasília

BRASÍLIA

2017

*Às crianças que ensinei,
pois me fizeram aprender e sentir a vida
através da educação.*

*À Priscila Castro, Coach Executiva,
que me conduziu à compreensão de que, a educação
realmente faz sentido para minha existência.*

Agradecimentos

À Deus, o autor das mais fascinantes histórias da minha vida. A Ele, que tão Poderoso e Bondoso, me deu sabedoria, coragem e ânimo para escrever cada palavra e vencer os obstáculos trazidos pelo cansaço, ou desânimo.

Aos meus pais, que me apoiaram. Em especial à minha mãe Tânia, que desde os meus primeiros passos de vida esteve ao meu lado segurando a minha mão, para ajudar a me equilibrar se acaso eu tropeçasse. Que soltou a minha mão quando precisei aprender a seguir meus próprios passos e confiar em minha força. A esta incrível mulher, que através das mais belas palavras e atitudes, me fez vislumbrar a certeza da minha capacidade em vencer qualquer desafio.

Ao meu marido Kaike Douglas, que tem sido minha base, desde o primeiro momento em que decidi por concluir minha tão sonhada graduação na Universidade de Brasília.

Aos meus filhos Igor Henrique e Isadora Valentina, que ainda acordados, enchem minha alma de fé e esperança a cada olhar, risos e carinhos, sempre que eu retornava tarde da noite para casa, após as aulas.

À professora Carla Castro que despertou em mim, através de sua competência, escuta sensível e educação lúdica os mais belos sentimentos pela educação, ao decorrer da minha graduação e à professora Sandra Ferraz, que não mediu esforços para me acompanhar nesta caminhada, contribuindo para a formação desta profissional brilhante que tenho me tornado a cada dia.

À minha orientadora Silmara, que aceitou ser co-autora deste trabalho, vencendo os desafios juntamente a mim. Agradeço por cada incentivo e por me dar liberdade para construir minhas ideias, respeitando-as.

À todos(a) minha eterna gratidão!

“Nunca deixe que lhe digam, que não vale a pena acreditar no sonho que se tem. Ou que seus planos nunca vão dar certo. Ou que você nunca vai ser alguém. Tem gente que machuca os outros. Tem gente que não sabe amar. Mas eu sei que um dia a gente aprende. Se você quiser alguém em quem confiar. Confie em si mesmo. Quem acredita sempre alcança!”

(Renato

Russo)

RESUMO: O presente estudo tem como objetivo averiguar qual o autoconceito que crianças entre 10 e 11 anos de uma escola privada de Brasília (DF), têm de si no processo ensino aprendizagem. Para compreender esta construção delineamos dois objetivos específicos: Analisar como a criança se vê em seu processo de aprendizagem; Identificar intervenções realizadas pela professora que contribuam para o autoconceito do aluno. Para fundamentar a análise de dados, utilizamos os referenciais teóricos dos autores: Pourtois e Desmet, (1999), Mello (2007), Oliveira (1997), Piletti (1993), Villa Sánchez (1999) e outras fontes. O estudo foi organizado em uma perspectiva de pesquisa qualitativa, realizado em uma turma do 5º ano do ensino fundamental de uma escola da rede privada de ensino do Gama - Distrito Federal. Utilizamos como instrumentos de construção de dados a observação sistemática, o questionário aberto para a professora regente, Roda de Conversa e um questionário aberto para os alunos da turma. Os resultados deste estudo indicam que o autoconceito dos alunos, nesta fase do desenvolvimento, com relação ao processo de aprendizagem tem sido construído principalmente a partir das percepções que a professora e os pais adquiriram deles. Grande parte da turma consegue se reconhecer positivamente em todos os aspectos cognitivo, afetivo e comportamental. O aluno destacado como difícil pela professora, manteve-se nesta posição até o final da pesquisa, confirmando a dificuldade de superar o lugar negativo ao qual foi colocado.

PALAVRAS-CHAVE: Aprendizagem, autoconceito, criança.

ABSTRACT: The present study aims to find out the self-concept that children between 10 and 11 years of a private school in Brasilia (DF) have in the process of teaching learning. To understand this construction we outline two specific objectives: Analyze how the child sees himself in his learning process; Identify interventions performed by the teacher that contribute to the self-concept of the student. In order to base the data analysis, we used the theoretical references of the authors: Pourtois and Desmet, (1999), Mello (2007), Oliveira (1997), Piletti (1993), Villa Sánchez (1999) and other sources. The study was organized in a qualitative research perspective, carried out in a class of the 5th year of the elementary school of a private school of the Gama - Federal District. We used as data construction instruments the systematic observation, the questionnaire open to the teacher, Roda de Conversa and an open questionnaire for the students of the class. The results of this study indicate that students' self-concept, at this stage of development, in relation to the learning process has been constructed mainly from the perceptions that the teacher and the parents have acquired from them. Much of the class can recognize itself positively in all aspects cognitive, affective and behavioral. The student highlighted as difficult by the teacher, remained in this position until the end of the research, confirming the difficulty of overcoming the negative place to which it was placed.

Keywords: Learning, self-concept, child

SUMÁRIO

1 Apresentação.....	11
2 Fundamentação teórica.....	14
2.1 Considerações sobre a infância e educação.....	14
2.2 As relações entre aprendizagem e autoconceito.....	18
3 Objetivos.....	24
3.1 Objetivo geral.....	24
3.2 Objetivos específicos.....	24
4 Metodologia.....	26
5 Resultados e discussões.....	29
5.1 Primeira etapa: Observação.....	29
5.2 Segunda etapa: Questionário da professora.....	32
5.3 Terceira etapa: Interação com os alunos.....	34
5.3.1 1º Momento: Roda de conversa.....	35
5.3.2 2º Momento: Questionário das crianças.....	36
6 Considerações finais.....	45
7 Referências.....	47
8 Apêndices.....	48
9 Anexos.....	51

1 Apresentação

Muitos são os desafios encontrados no ambiente escolar. A educação brasileira não tem acompanhado o avanço das informações através das novidades tecnológicas, tão pouco conseguido suprir as reais necessidades educacionais, tanto com relação à estrutura, quanto aos processos e conflitos ocorridos em sala de aula. A educação de qualidade, tão necessária para a evolução da sociedade, surge a partir do empenho de todos os envolvidos no processo educacional, sejam eles: gestores, políticas públicas, educadores, alunos, família.

A escolha do tema desse estudo foi feita com base em experiências vividas no ambiente escolar. Como profissional inserida no campo educacional de crianças, pude estar em contato com diferentes faixas etárias e constatar que dentre os problemas que assombram a educação, está o olhar da criança sobre seu próprio processo de aprendizagem.

. No contexto escolar, encontram-se crianças capazes de explorar o mundo da internet e da tecnologia, porém não conseguem se apropriar dos conhecimentos disseminados na escola, não são estimuladas a desenvolver sua criticidade, se expressar de maneira coerente, manter relações sociais de qualidade, além disso, encontram professores que não compreendem suas necessidades.

Ingressei na Universidade de Brasília (UNB) em 2009. Fui aprovada através do PAS (Programa de Avaliação Seriada), para cursar Pedagogia licenciatura. Desde o terceiro semestre, estive presente em sala de aula, devido aos projetos oferecidos pela UnB. As primeiras vivências foram em escolas públicas. Nesta caminhada pude perceber diferentes didáticas utilizadas pelos professores da educação básica e desta maneira, aprimorar minha prática. Minha atuação em escolas particulares começou em 2013, quando assumi a regência de duas turmas da Educação Infantil, com crianças de 2 e 3 anos de idade. No ano seguinte, assumi a regência do 1º ano do ensino fundamental I, além de continuar na Educação Infantil em período contrário, trabalhando com alunos de 5 anos. Durante o ano de 2015 tive uma experiência inusitada: coordenei uma creche, que atendia um público de 4 meses a 5 anos de idade. Em 2016, dei continuidade à docência

ainda com trabalhos voltados para a educação infantil, em uma turma de crianças de 4 anos. Atualmente, em 2017, minha regência acontece em uma turma de ensino fundamental I, com crianças de faixa etária entre 8 e 9 anos.

Durante todo este percurso nas séries iniciais, pude perceber quão importante é o autoconceito e a auto-estima do aluno, em uma perspectiva escolar, para sua motivação e sucesso na aprendizagem, visto que o autoconceito surge a partir da maneira como o aluno enxerga suas próprias habilidades e competências. O aluno que acredita em sua capacidade de aprender, obtém bons resultados em sua aprendizagem, mesmo que em alguns momentos com um ritmo diferenciado. No entanto, quanto mais inseguro o aluno estiver, menor será sua capacidade de sair deste “papel de incapaz”, ao qual foi inserido.

A atuação do professor neste momento é fundamental, pois sua intervenção pode fazê-lo acreditar em novos olhares, tanto de maneira positiva, quanto negativa. Algumas indagações a esse respeito surgiram, a partir de minha vivência como professora. Uma delas é se a intervenção do professor voltada para a afetividade é capaz de tornar o ambiente de sala de aula mais solidário e respeitoso, favorecendo ou não a aprendizagem.

Diante dessas questões, a presente pesquisa vem indagar: Qual o autoconceito que crianças entre 10 e 11 anos de uma escola privada do Gama(DF), constroem de si no processo aprendizagem?

A pesquisa tem como objetivo averiguar como crianças entre 10 e 11 anos se veem em seu processo de aprendizagem, ou seja, a influência do autoconceito na maneira como estas crianças aprendem. Além de identificar atitudes da professora e dos colegas que contribuam para a construção da visão que as crianças tem de si.

O primeiro capítulo, através do embasamento teórico faz algumas considerações sobre a infância e a educação, comparando o período da Modernidade e da Pós-modernidade, à luz da Teoria Histórico-Cultural. O segundo capítulo aborda como acontece o processo de aprendizagem, através da mesma abordagem. Conceitua e esclarece o autoconceito e seus componentes cognitivo, afetivo e comportamental, a partir das ideias de Villa Sánchez (1999).

Na metodologia foram descritos os passos para a construção e organização dos dados. Foi realizada uma pesquisa qualitativa, a fim de uma maior descrição do objeto estudado e de uma análise mais profunda. Como instrumentos foram utilizados Observação, Roda de conversa e Questionário.

Ao finalizar este estudo, chego à compreensão de que o autoconceito está em constante evolução. As concepções sobre a imagem que se forma de si podem ser transformadas a cada instante, basta acontecerem experiências novas, que envolvam relações com o outro.

As contribuições científicas estão voltadas para uma conscientização e uma proposta de uma educação mais humanizada, cuja prioridade é formar um aluno que se sinta capaz de aprender em sala de aula e, mais do que isso, que se perceba capaz de superar desafios, vencer preconceitos e construir seu autoconceito, através de suas percepções de mundo, influenciado pelas relações de respeito e motivação construídas em sala de aula. A presente pesquisa leva o educador a refletir sobre a importância de uma educação mais humanizada, capaz de possibilitar à sociedade a formação de cidadãos éticos, solidários e preocupados com o outro e o mundo que o cerca.

2 Fundamentação teórica

2.1 Considerações sobre a infância e educação

O desenvolvimento da sociedade pode ser visto através das relações entre seus membros. Um dos fatores importantes para as mudanças sociais é a relação de trabalho e busca pela produção, pela sobrevivência. O homem e a mulher eram considerados aptos a realizar determinadas atividades a partir de seu desenvolvimento físico. Ou seja, casar, trabalhar, ir para guerra eram atividades comuns nos poucos anos de vida. Foi no século XX que as crianças, entre outras minorias étnicas (as mulheres, idosos e pessoas com necessidades especiais), ganharam uma nova perspectiva, surgindo assim os direitos que garantem a qualidade de vida e proteção.

A infância passou a ser considerada uma fase importante da vida do ser humano, em que a criança tem o direito de ser livre para se desenvolver. Apesar de ser um direito garantido, crianças e adolescentes das classes média e alta não possuem tempo para vivenciar a infância de maneira livre, visto que, estão sendo preparados desde cedo para a produção. São designados a eles, em horários contrários à escola, aulas de línguas estrangeiras, esportes, entre outras atividades. Por outro lado, as crianças inseridas em famílias com baixa renda enfrentam realidades marcadas pelo trabalho prematuro e violência. Atitudes fundamentais para uma infância saudável, como o brincar, em que desenvolve-se a prática das emoções e sensações, regras e diversão, tem se tornado uma perda do tempo útil. Dois períodos históricos denominados Modernidade e Pós-modernidade podem ser levados em consideração para a construção das noções de infância e educação presentes nos tempos atuais.

Para os autores, “a modernidade se define por uma separação entre mundo objetivo, criado pela razão, e mundo da subjetividade, centrado na pessoa.” (Pourtois e Desmet, 1999, p. 23) Sendo assim, a modernidade é marcada por um pensamento racional em que a ciência e tecnologia estão em ascensão. Foi um momento marcado pela busca da produção e desenvolvimento tecnológico. A influência deste período para a educação ocorre com a ruptura da visão irracional e

limitada imposta pela família e suas crenças, objetivando adquirir o progresso e o conhecimento racional. Desta maneira, a construção do sujeito, seus sentimentos e imaginação passam a ser considerados irrelevantes. Para a escola, “as crianças não passam de alunos, e o mestre é um mediador entre elas e os valores universais da verdade, do bem e do belo” (Pourtois e Desmet, 1999, p. 23). As crianças do mundo moderno enfrentaram conteúdos fragmentados e a racionalidade para alcançar o sucesso.

O período seguinte, denominado Pós-modernidade, veio romper com o pensamento unicamente racional, trazendo o sujeito, suas necessidades e sentimentos como fatores significativos na construção social e de saberes. Este é um período que possui “a perspectiva de uma possível, necessária e crescente interação entre o sujeito e a razão, a subjetividade e a objetividade” (Pourtois e Desmet, 1999, p. 29). A infância da pós-modernidade é marcada pela consciência de um *si*, que forma seus conceitos através das interações sociais. “O mundo pós-moderno não separa o sujeito individual de seus papéis sociais” (Pourtois e Desmet, 1999, p. 29).

A sociedade convive com a realidade Pós-moderna, porém as marcas da Modernidade continuam presentes nas escolas. Conteúdos fragmentados e a exigência da formação de crianças, rumo à produção tecnológica ou não fazem parte do contexto educacional desde os primeiros anos escolares, que iniciam-se cada vez mais cedo.

A Teoria Histórico-Cultural vem trazer a concepção de que cada criança aprende a se tornar um ser humano, vinda de uma cultura e modificando seu pensamento, através das relações com o outro. (Mello, 2007) Essa abordagem reconhece o ser como social, capaz de se relacionar e aprender com o outro do contexto ao qual está inserido antes mesmo que este desenvolva suas especificidades. A criança neste contexto não é vista mais como um ser fragilizado, mas sim como um sujeito capaz de aprendizagem desde seus primeiros estágios de vida. No entanto, reconhecer a capacidade de aprendizagem da criança não pode significar acelerar o seu desenvolvimento psíquico, mas sim utilizar-se dos primeiros

anos de sua vida, para torna-la consciente da cultura ao qual está inserida, além de estimular sua aprendizagem.

A partir dessa perspectiva, entendemos os cuidados ao organizar de maneira intencional o desenvolvimento psíquico da criança, pois na infância acontecimentos marcantes estão presentes, que serão fundamentais para a construção da personalidade humana. Neste período, o desenvolvimento e aprendizagem em um processo que precisa ser considerado e respeitado. Assim, esta intencionalidade é necessária para que o adulto se faça mediador da cultura ao qual a criança está inserida.

Mello (2007) faz referência a dois planos de desenvolvimento infantil considerados pela Teoria Histórico-Cultural, relevantes para a compreensão da evolução da criança: o desenvolvimento funcional e o desenvolvimento geral ou evolutivo. O primeiro traz para a criança a compreensão do desenvolvimento de pontos isolados, não sendo notório grande evolução em sua personalidade, sendo esta apenas pontual. A mudança perceptível da personalidade acontece com o desenvolvimento geral, onde a criança passa a ter novos níveis de compreensão da realidade. Neste tipo de desenvolvimento a percepção de mundo e as relações com o outro são dadas de maneira ampla, sem a fragmentação trazida pela Modernidade.

Ainda a partir dos pressupostos da teoria, a autora afirma que

Olhar a infância, do ponto de vista da formação por etapas da consciência e da personalidade humana madura, olhar o processo de humanização como processo de educação e olhar a escola da infância como o espaço do encontro de muitas crianças – de mesma e de diferentes idades –, e como o lugar da organização intencional por parte dos professores e professoras para a apropriação máxima, por cada criança, das máximas qualidades humanas formadas histórica e socialmente, nos comprometem com uma oposição segura a todas as formas de aceleração artificial do desenvolvimento psíquico e com a necessidade de elaboração de um projeto pedagógico que amplie e enriqueça esse desenvolvimento. (Mello, 2007,p. 99)

Assim é notória a importância de olhar a criança como um ser completo e humanizado, que aprende e se desenvolve dentro de sua cultura, considerando seu contexto e suas relações com as pessoas envolvidas. A Educação neste pensamento é o instrumento para a compreensão do mundo e a formação da personalidade de seres humanizados.

2.2 As relações entre autoconceito e aprendizagem

O ambiente escolar é o local onde se pode organizar intencionalmente as condições adequadas de vida e educação para garantir a máxima apropriação das qualidades humanas. (Mello, 2007, p.85) Neste contexto, além das chamadas disciplinas curriculares, deveria aprender a socializar, formar opiniões, obedecer a regras, demonstrar e controlar suas emoções, conviver com muitos outros com os quais não possui laços familiares. A Teoria Histórico-Cultural traz a percepção de que cada criança aprende a ser um ser humano. (Mello, 2007, p. 88)

A maioria das crianças chega à escola acreditando ser inteiramente capaz de superar todos os desafios que ali a espera, porém é dentro do próprio contexto educacional, que as expectativas vão se transformando em sucesso, ou frustrações.

A Teoria Histórico-Cultural compreende o amadurecimento orgânico e história cultural da criança como um processo único e complexo, ou seja, o aluno quando chega à escola não desenvolve apenas as suas capacidades de produção, mas há também um esforço físico, nervoso e psíquico, pois espera encontrar professores preparados, capazes de sanar qualquer dúvida e resolver qualquer situação, espera encontrar amigos que o aceitará e compartilhará bons momentos e brincadeiras.

Porém, a realidade educacional no Brasil traz muitas escolas sem a estrutura necessária, professores cansados e desvalorizados, superlotação dentro da sala de aula, bullying, entre outras situações que tornam o processo de ensino aprendizagem bem mais complexo que o esperado. Além disso, a criança aprende que, obedecer a regras, desenvolver uma série de atividades diferenciadas, ter um horário específico para realizar qualquer tarefa e adaptar-se a uma rotina são tão importantes para o seu desenvolvimento quanto o ato de brincar.

Vygotsky, em sua abordagem Histórico-cultural, defende a ideia de que o desenvolvimento e a aprendizagem não podem ser dissociados. No início de sua vida, a criança tem um desenvolvimento motor e da linguagem. Logo desenvolve seu pensamento e passa a perceber as funções sociais. Através do ato de brincar,

do faz-de-conta, imita o comportamento dos adultos e à medida que aprende, desenvolve-se. Mello (2007) afirma que

nessa atividade lúdica – não produtiva –, são exercidas e cultivadas funções essenciais em processo de desenvolvimento na criança como a memória, a imaginação, o pensamento, a linguagem oral, a atenção, a função simbólica da consciência.

O sujeito histórico possui requisitos inatos, ou seja, habilidades naturais. No entanto, para que estas habilidades se desenvolvam, o sujeito precisa estar inserido em um grupo social, pois são nas relações que a aprendizagem acontece, principalmente por meio da linguagem. Ou seja, as relações sociais, a cultura e o meio externo possibilitam à criança acumular em seu desenvolvimento real, um conhecimento prévio. No entanto, é na zona de desenvolvimento proximal que, para Vygotsky, a aprendizagem tem possibilidade de acontecer, pois esta é o palco das negociações entre o que se sabe e o que se tem condições de saber. Esta aprendizagem é externalizada através do comportamento da criança. “O desenvolvimento fica impedido de ocorrer na falta de situações propícias ao aprendizado”. (Oliveira, 1997, p 57)

Oliveira (1997) afirma ainda que, de acordo com Vygotsky “se o aprendizado impulsiona o desenvolvimento, então a escola tem um papel essencial na construção do ser psicológico adulto dos indivíduos que vivem em sociedades escolarizadas” (p.61). Desta maneira, é possível perceber que a aprendizagem acontece não somente pela relação entre o professor e o aluno, mas devido a um conjunto de fatores que precisam ser considerados neste processo. A estrutura da escola, o conhecimento prévio as relações sociais e culturais dentro e fora do ambiente escolar e a maneira com que o aluno se vê em seu processo de aprendizagem são alguns deles. Oliveira (1997) afirma que para Vygotsky,

a criança não tem condições de percorrer, sozinha, o caminho do aprendizado. A intervenção de outras pessoas – que, no caso específico da escola, são o professor e as demais crianças – é fundamental para a promoção do desenvolvimento do indivíduo. (p. 62)

Toda pessoa tem a necessidade de se relacionar e pertencer a grupos. As relações sociais são marcadas pela afetividade. Porém, é a necessidade da estima que faz o sujeito procurar a valorização e o reconhecimento do outro. São nestas relações que o indivíduo forma seu autoconceito. Ou seja, pela percepção e

aceitação vindas do outro é possível sentir-se útil e capaz, ou então sentir-se inferiorizado e incapaz. A criança forma sua própria imagem a partir dos olhares de quem as rodeia. A princípio, o indivíduo não possui um conceito sobre si. Seu autoconceito se desenvolve ao longo de suas relações, já a auto-estima se constrói a partir da avaliação feita principalmente pelos adultos que possuem importância em sua vida. O valor que a criança reconhece de si mesma é medido a partir desta avaliação. “O sucesso ou fracasso do aluno, na escola, depende em parte de sua auto-estima, da confiança que tem em si mesmo” (Piletti, 1993, p 68).

Villa Sánchez (1999), partindo da ideia de pesquisadores importantes, afirma que o autoconceito na aprendizagem é um conjunto de atitudes que a pessoa tem para consigo mesma, que se dividem em três componentes importantes: cognitivo, afetivo e comportamental. O que a pessoa vê quando olha para si mesma, a maneira como se descreve, o conjunto de características mesmo que não sejam autênticas, movimentam a maneira de ser e agir, compondo o componente cognitivo. Enquanto o componente anterior está ligado à visão que o ser tem de si, Villa Sánchez (1999) afirma que o componente afetivo são as emoções, afetos e avaliações que descrevem o sujeito. Este componente é o responsável pela auto-estima, que para Villa Sánchez (1999), se define como

a atitude valorativa emocional que uma pessoa tem de si mesma, ou seja, a percepção do próprio valor pessoal, proveniente da experiência do meio ambiente e do contato com os outros. (p.8)

A visão que o aluno constrói de si, diante das experiências no ambiente escolar, também pode ser um fator considerado importante para o processo de aprendizagem. Visto que, alunos rotulados “mais difíceis”, possuem mais dificuldade de persistir no caminho da superação, desistindo nos primeiros obstáculos, ou muitas vezes não há nem mesmo a tentativa. Oliveira (1994) afirma que

De um modo geral, os alunos considerados pela escola como os “mais difíceis” ou “indisciplinados” e com menor nível de rendimento costumam fazer um julgamento pouco satisfatório de si mesmos como alunos: frequentemente se dizem incapazes de realizar determinadas tarefas; em alguns casos tentam realiza-las, mas ao primeiro sinal de dificuldade, desistem; em outros casos nem tentam realizar, se recusam, envolvem-se em qualquer outra atividade (ou “brincadeira”) que não aquela proposta pelo professor.(p. 11)

A relação com as pessoas participantes do contexto em que o sujeito está inserido é fundamental para que as avaliações valorativas aconteçam. Através da auto-estima a criança sente suas emoções, percebe sentimentos, motivação, segurança, senso de pertença, entre outros aspectos que formam sua personalidade.

O componente comportamental é o terceiro citado que faz parte das atitudes que compõem o autoconceito da aprendizagem. A maneira como o sujeito se vê interfere diretamente em sua maneira de se relacionar. Para que o sujeito esteja pleno de bons sentimentos e tenha um desempenho eficaz em suas relações e outros aspectos de sua vida, há a necessidade da construção positiva do seu autoconceito. Caso contrário, suas atitudes não serão pertinentes ao seu caráter e sua personalidade, mas sim voltadas para a saciedade das expectativas dos envolvidos em grupos sociais aos quais se relaciona. Podendo também estarem direcionadas à defesa e dificuldade de lidar com a criticidade. Desta forma, a falta de um autoconceito na aprendizagem forte e bem desenvolvido faz com que a auto-estima permaneça baixa, afetando a autodeterminação, a independência afetiva, a motivação, e conseqüentemente a boa relação consigo e com os outros.

Uma pessoa que constrói um conceito positivo sobre si tem mais facilidade em se relacionar socialmente e resolver situações cotidianas. Segundo Villa Sánchez o autoconceito na aprendizagem é construído durante toda a vida. Existem duas teorias que melhor explicam a construção do autoconceito: Simbolismo interativo (Teoria do espelho) e Aprendizagem social. Na primeira, criada por Cooley (1902) e Mead (1934) o autoconceito na aprendizagem é uma consequência das avaliações realizadas pelas pessoas do ambiente mais próximo (Villa Sánchez, 1999). Assim como em um espelho, a imagem construída de si, reflete a opinião das pessoas mais significativas, como os pais, irmãos e outros familiares. À medida em que o tempo vai passando, outras pessoas vão criando importância na vida do sujeito e são elas quem passarão a influenciar na construção de seu autoconceito da aprendizagem. Na escola, podemos dizer que os participantes da construção do autoconceito na aprendizagem são o professor e os colegas de classe. Nesta teoria o indivíduo aparece de maneira passiva, onde suas

experiências, emoções, curiosidades e criatividade não influenciam nesta construção.

A Teoria da Aprendizagem social apresenta um sujeito mais ativo, em que através da imitação incorporada aos seus próprios esquemas, forma a opinião sobre si mesmo. Porém, com um comportamento e opinião bastante parecidos com as pessoas mais significativas que o rodeia, visto que, assim como na Teoria do Espelho, a avaliação dessas pessoas são essenciais. Os principais influentes na construção do autoconceito da aprendizagem de um indivíduo são os pais. Villa Sánchez (1999) afirma que “as crianças com pais afetivamente carinhosos e atentos costumam ter um grau maior de auto-estima do que os filhos de pais afetivamente frios e desinteressados” (p. 19).

Com o passar dos anos, a escola assume um papel fundamental na vida da criança. É neste ambiente que ela passará grande parte do seu tempo, relacionando-se com membros da instituição educacional, principalmente professores e colegas de classe. O aluno experimentará na escola diversas situações, que o fará ter como resultado o êxito ou o fracasso, acompanhados de inúmeras sensações. A construção do autoconceito da aprendizagem na escola, se dá principalmente através do olhar do professor, pois este torna-se nos primeiros anos de escolaridade uma figura altamente significativa e influente.

Os colegas de classe, também possuem grande importância, sendo eles responsáveis, em grande medida, pela estima da criança, pois sua auto-avaliação terá como base a aceitação ou rejeição, pelo valor atribuído pelos colegas de turma aos quais convive diariamente. Ou seja, a maneira como a criança se define está intimamente ligada aos olhares avaliativos das pessoas influentes de sua vida.

Dois enfoques importantes norteiam a Teoria da Aprendizagem Social, buscando explicar a evolução do autoconceito da aprendizagem. O primeiro, denominado Enfoque cognitivo retrata um sujeito que percebe diversas características sobre si, referentes aos aspectos físicos, psíquicos e sociais, que variam com o passar do tempo. Em contrapartida, o Enfoque ontogênico ou evolutivo aborda a construção do autoconceito da aprendizagem nas diferentes fases do desenvolvimento. Villa Sánchez (1999) afirma que à medida que a criança

vai crescendo, seu autoconceito da aprendizagem vai se formando e se cristalizando (p. 20).

A cada fase de desenvolvimento, a criança possui critérios diferenciados para construir a visão que construiu de si. Assim como afirma Mello (2007) à luz da Teoria Histórico-Cultural

Em cada idade da criança, há uma forma específica por meio da qual a criança melhor se relaciona com o mundo, e atribui significado e sentido ao que vê e vive. O estudo da criança nas diferentes idades mostra que, em cada idade, condicionadas pelo desenvolvimento orgânico e pelo conjunto de vivências por ela acumuladas, surgem novas formações no processo de desenvolvimento – que não existiam na etapa anterior –, que constituem o resultado de tudo o que ocorreu ao longo desse período de desenvolvimento e compõem, ao final de cada idade, uma nova situação social de desenvolvimento da criança. (Mello, 2007, p. 96)

O autor Villa Sánchez (1999), afirma que, crianças de 10/12 estão em uma fase de transição da infância para a adolescência. Para ele, nesta fase o autoconceito da aprendizagem se torna mais realista e rico, vai se definindo e delineando em virtude das experiências, exigências e expectativas que o mundo escolar propicia (p. 22). Na adolescência, que pode acontecer entre 10/12 anos, o amadurecimento físico torna-se um dos fatores fundamentais, que contribuem para a construção do autoconceito da aprendizagem. O adolescente passa a perceber diversas mudanças em seu corpo e precisa aprender a lidar com ela. Ele precisa conseguir aceitar estas transformações para que, deste modo, possa adaptar-se de uma forma válida a seu próprio sexo e ao sexo oposto (Villa Sánchez, 1999, p. 22). Esta é uma fase de reconhecimento e aceitação corporal, além da conquista de sua autonomia pessoal.

A aprendizagem escolar do aluno está relacionada a uma série de fatores, porém, a visão da criança sobre si, pode ser uma das causas. O aluno que ocupa o lugar de fracassado sente muita dificuldade em aumentar seu nível de aprendizagem, pois sua auto – estima está baixa e já construiu dentro de si um autoconceito de incapaz. Villa Sánchez (1999) traz a ideia de que somente a aceitação, o respeito e o amor transformam positivamente a percepção que uma criança possui de si, oportunizando a ela adquirir uma atitude de auto-aceitação e de respeito para consigo. Esta atitude é capaz de desenvolver suas capacidades cognitivas e adaptar-se à situação escolar. (p. 50) Portanto, a pesquisa discorre a

maneira como o autoconceito da aprendizagem da criança se constrói dentro do ambiente escolar, principalmente em sala de aula, considerando os olhares de colegas e da professora, figuras tão significativas neste processo.

3 Objetivos

3.1 Objetivo geral:

Averiguar qual o autoconceito que crianças entre 10 e 11 anos de uma escola privada de Brasília (DF), têm de si no processo de aprendizagem.

3.2Objetivos específicos:

- Analisar como a criança se vê em seu processo de aprendizagem;
- Identificar intervenções realizadas pela professora que contribuam para o autoconceito da aprendizagem do aluno.

4 Metodologia

A presente pesquisa foi realizada em uma escola privada do Gama- DF, que abrange diferentes segmentos, desde o maternal até o ensino médio. A turma selecionada para o desenvolvimento da pesquisa foi o 5º ano, do ensino fundamental 1, composto por 11 alunos e 1 professora regente. O público alvo possui idades entre 10 e 11 anos, sendo que 8 são meninas e 3 meninos, enfrentando um período de transição da infância para a adolescência.

Esta é uma pesquisa qualitativa. Decidiu-se por esta abordagem, pela liberdade que ela propicia de aprofundamento na exploração do objeto estudado, aproximando-o ao investigador. (OLIVEIRA, 2010, p. 22) Sendo possível assim ir à fundo ao contexto pesquisado, trazendo uma riqueza maior de informações tanto na coleta, quanto nas interpretações dos dados.

Para a pesquisa qualitativa, o primeiro instrumento utilizado é o próprio investigador. O pesquisador, ao ir à campo, carrega consigo experiências e uma carga intelectual que servirão como lentes, através das quais ele enxerga a pesquisa. (OLIVEIRA, 2010, p. 22) Outros três instrumentos foram utilizados para a construção dos dados: Observação, Questionário e Roda de conversa.

Primeira etapa:

A primeira etapa consiste na utilização da Observação, que é o instrumento que mais fornece detalhes ao pesquisador, por basear-se na descrição e para tanto utilizar-se de todos os cinco sentidos humanos. (OLIVEIRA, 2010, p. 23) Os aspectos observados seguiram um roteiro planejado anteriormente – apêndice 1, cujos tópicos trazem a possibilidade de o observador perceber o comportamento dos alunos diante da professora, de seus colegas de classe, e de seus próprios desafios cotidianos. A observação é chamada de sistemática ao ocorrer em situações de campo ou de laboratório, quando há um prévio planejamento e um certo nível de controle do processo, pois o pesquisador sabe procurar. (Salamunes, 2011) Portanto, esta é uma observação sistemática.

Segunda etapa:

Para a realização da segunda etapa foi utilizado o instrumento Questionário aplicado à professora. Assim como a Observação, este é o mais comum instrumento para este tipo de pesquisa. Foram elaboradas poucas questões, para não ocasionar um desinteresse ao decorrer de seu preenchimento. Todas as questões foram abertas, com o objetivo de dar mais liberdade à professora para emitir sua opinião e expectativas com relação às crianças, com a intenção de obter informações mais profundas.

Terceira etapa:

A terceira etapa precisou ser dividida em dois momentos. Este momento da pesquisa buscou uma escuta dos alunos sobre si e seu processo de aprendizagem.

1º momento:

No primeiro momento foi lido o poema “O menino que não gostava de estudar”, de Eron de Assunção (Anexo 1). Entre versos e rimas, Eron descreve um menino que não se importava com seu processo de aprendizagem, tão pouco com o efeito que seu comportamento causava nas pessoas envolvidas neste processo. Com o passar do tempo, o menino passou a se incomodar com a maneira que era visto pelas pessoas significativas de seu convívio social e decidiu mudar suas ações. Suas mudanças o levaram a construir um autoconceito positivo e a elevar sua autoestima. Toda esta postura interferiu significativamente em seu processo de aprendizagem. Após a leitura da poesia, abriu-se uma Roda de conversa, com todas as crianças da classe, em que o objetivo da escuta, além da interpretação do texto, era criar uma situação de perguntas e respostas, integrando as próprias experiências de vida dos envolvidos, comparadas à situação apresentada no poema.

2º momento:

As condições oferecidas em sala de aula não favoreceram uma coleta efetiva de dados no primeiro momento, portanto fez-se necessário um segundo momento, em que foi distribuído um questionário individual (apêndice 3), com questões discursivas. As perguntas tiveram como objetivo levar a uma reflexão

sobre a imagem que cada um possuía sobre si, dentro de seu processo de aprendizagem. Foi solicitado aos alunos que expressassem se consideravam ser “bons” ou “maus” com relação aos componentes cognitivos, afetivos e comportamentais. Além de exporem a relevância que as expectativas das pessoas significativas de seu convívio possuíam para a construção de seus autoconceitos dentro do ambiente escolar. O instrumento funcionou como uma espécie de “diário”, onde as crianças puderam expressar-se anonimamente, com opiniões autênticas e sem críticas ou punições.

5 Resultados e discussões

A interpretação dos dados foi realizada refletindo sobre os componentes cognitivos, afetivos e comportamentais, que de acordo com Villa Sánchez (1999) são atitudes que constroem o autoconceito, assim como a influência das pessoas significativas de seu contexto, que contribuem tanto para a construção do autoconceito, quanto para a avaliação valorativa que interfere na auto-estima.

Os alunos citados nesta pesquisa serão identificados por codinomes, que serão adotados ao longo das análises.

5.1 Primeira etapa

Observação

A pesquisa foi realizada em uma turma de 5º do ensino fundamental 1, de uma escola privada do Gama – DF. A classe era composta por 11 crianças, sendo elas 8 meninas e 3 meninos. Foram realizados 3 momentos de observação, sendo o 1º na aula de Matemática, o 2º na aula de Português e o 3º na aula de Ciências. Durante as observações, mesmo sendo em dias diferenciados, todos os alunos estavam presentes.

A sala de aula, muito espaçosa e iluminada, estava disposta com carteiras enfileiradas, onde os alunos permaneceram devidamente sentados, durante todas as aulas observadas. Quanto aos instrumentos de ensino, foram utilizados o quadro branco, pincel e livro didático, com conteúdos fragmentados, divididos por disciplinas.

A professora mostrou-se bastante atenciosa e disposta ao ensinar as matérias planejadas. Sempre muito educada e paciente repetia as vezes necessárias para que os alunos compreendessem, ou pelo menos, se mostrassem satisfeitos. A técnica motivadora mais utilizada pela professora era a justificativa de que os conteúdos caíam na prova, ou que eles precisariam chegar ao 6º ano

sabendo, pois lá seria muito diferente da rotina do ensino fundamental I. Visivelmente a preocupação maior era com a conclusão dos conteúdos, do que com uma educação mais humanizada, voltada para a construção de um ser humano completo, emocional e crítico.

Ao iniciar a aula de Português, a professora pediu que os alunos colocassem sobre sua mesa as atividades de casa. O aluno M10 pegou sua tarefa de casa em branco e começou a realiza-la rapidamente, copiando do colega, disfarçando para não ser flagrado pela atitude considerada incorreta. Ao concluir o que pôde, colocou os livros em cima da mesa da professora e sentou-se com um olhar desconfiado. Os demais alunos entregaram suas atividades e a aula seguiu normalmente.

Nesta situação a criança, por medo de ser vista negativamente pela professora buscou estratégias para mascarar sua falta e criar uma imagem positiva de sua conduta de aluno.

Na aula de Matemática, a professora repetiu o ato de pedir as atividades de casa. Os alunos colocaram em cima da mesa. Uns afirmaram ter um pouco de dificuldade em algumas questões. O aluno R11 afirmou que sua mãe o ajudou a refazer, pois sua tentativa solitária de realização não foi positiva, ou seja, ao realizar a tarefa de casa sozinho, teve dificuldades e resolveu as questões de maneira errada, porém, sua família participou do momento, ensinando-o a maneira correta.

R11 ficou ansioso pedindo à professora que olhasse o dele primeiro, para que percebesse seus acertos. Neste caso, foi possível perceber um aluno bastante motivado, com uma auto-estima positiva, esperando confiante que sua professora o elogiasse por ter alcançado êxito em seu exercício. Ele sentia-se capaz de, com ajuda de outro mais experiente, ter concluído bem a tarefa. A ajuda de sua família nesse momento foi fundamental no processo de construção da auto-estima, porém, ficou claro que não bastou o olhar da família, pessoas significativas de sua convivência. A criança precisava de mais: o olhar de sua professora, que na escola é uma das figuras principais para a construção do autoconceito. (Villa Sánchez,

1999) Durante a aula surgiram muitas dúvidas sobre o conteúdo, que mais uma vez foram sanadas pela professora, sempre disposta a exercer sua função.

A aula de Ciências foi a que mais chamou a atenção dos alunos, mesmo aqueles que pareciam desmotivados, despertaram seu interesse ao começar a explicação. A aprendizagem tornou-se mais atrativa, pois havia um conjunto de aspectos importantes: atitudes positivas da professora juntamente com um conteúdo voltado para a realidade de vida dos alunos. Eles demonstraram ser bastante participativos, porém na realização das atividades do livro, alguns deles mostraram certo desânimo.

Com poucas aberturas para expressão de suas ideias durante as aulas, os alunos conversavam bastante entre si. Antes das aulas a turma se dividia em pequenos grupos para trocar informações aleatórias sobre a rotina fora da escola. Durante as aulas aconteceram muitas conversas paralelas, principalmente entre um grupo de meninas que demonstravam ter mais afinidade. O aluno M10, autor da cópia da atividade de casa citado anteriormente, fez uma pergunta à professora sobre o conteúdo apresentado e imediatamente houve um cochicho entre duas alunas, o qual parecia depreciar o colega.

O M10 aparentemente sentiu-se reprimido e durante o resto da aula ficou calado, sem expressar suas dúvidas ou opiniões que pudessem enriquecer o tema. A percepção que os colegas de classe tiveram deste aluno, influenciou diretamente em seu comportamento. Este é um dos fatores importantes para a construção do autoconceito, visto que os colegas de classe são pessoas significativas, que influenciam no processo de aprendizagem e um dos principais responsáveis nesta fase do desenvolvimento pelo componente afetivo, onde se forma a auto-estima. (Villa Sánchez, 1999)

Em alguns momentos, os alunos deram respostas grosseiras uns aos outros, criando um clima desagradável entre eles, porém a professora mediou a situação através de uma conversa respeitosa. O aluno M10 que teve sua ideia reprimida, mostrou-se durante os momentos de observação mais isolado dos outros

e distraído, como se estivesse lembrando de outros contextos, que não fossem o que estava inserido.

Um grande ponto positivo observado foi a obediência aos momentos organizados pela professora. Mesmo que com dúvidas e conversas paralelas, grande parte dos alunos ficaram atentos às explicações e fizeram as atividades propostas. Foi possível compreender que fazia parte da rotina ouvir a explicação em silêncio, sem interrupções, mesmo que fossem construtivas, as opiniões dificilmente eram permitidas. Durante a leitura de suas respostas em atividades, foi possível perceber pensamentos mais organizados e frases bem elaboradas. Poucas crianças demonstraram dificuldades atípicas para seu processo de aprendizagem.

No entanto, o aluno R11 demonstrou grande dificuldade na escrita das palavras. Quando errava as questões fazia uma expressão de desmotivação. Sempre arrumava algo para distrair-se antes de tentar novamente. Uma das alunas destacou-se por ser muito diferente das outras, mais reprimida, comportada e calada. Nos poucos momentos em que foi possível ouvir a sua voz, apresentou dificuldades em sua fala, o que provavelmente explica tantas dúvidas durante a aula de Português, porém suas dificuldades não eram empecilhos, para novas tentativas, demonstrando ser muito esforçada, ou seja, possuía um autoconceito positivo, em que se percebia capaz de superar seus desafios.

Apesar do comportamento comum para essa idade, em que muitas vezes as crianças riem umas dos outros e chegam a caçoar, os alunos de uma maneira geral mostraram-se companheiros, tentando ajudar uns aos outros, sanando dúvidas na realização de exercícios. Apenas o aluno M10 distanciava-se, em determinadas ocasiões. A professora demonstrou ter muita sabedoria e técnica para lidar com as questões sociais, pois mostrava-se paciente e usava a conversa em um tom respeitoso. No entanto, aparentemente sua técnica de motivação à aprendizagem não foi suficiente para ajudar os alunos com atitudes de desinteresse, que permaneceram em sua condição de “diferente” durante toda a observação.

5.2 Segunda etapa

É uma turma muito boa de se trabalhar, muito participativa. A maioria acredita em seu potencial. (Professora regente)

Este questionário buscou coletar dados da visão que a professora possuía de sua classe. As expectativas voltadas para a aprendizagem e socialização dos alunos, além de possíveis intervenções que contribuíssem para a construção do autoconceito do aluno foram os principais pontos analisados a seguir.

A professora regente não teve a oportunidade de escolher a turma com a qual gostaria de trabalhar durante o ano: *No começo tive que aceitar a turma, porque não havia outra opção.* Portanto recebeu esta responsabilidade como um desafio a ser superado. Em uma de suas respostas, afirmou que o fato de já conhecer os alunos e ter tido relações positivas de afeto com eles anteriormente, favoreceu a adaptação de ambos. Segundo ela, até mesmo com os dois alunos “mais difíceis”, a interação entre eles foi boa.

De acordo com a professora, os alunos apontados como “difíceis”, foram aqueles que não admitiam errar, não gostavam de estudar e davam respostas grosseiras, quando eram repreendidos. Além destas características, um deles foi apontado por ela como desinteressado, desanimado e sem um devido acompanhamento familiar: *O aluno M10 que demonstrou desinteresse, desânimo em desenvolver as atividades rotineiras e não tinha acompanhamento familiar, apresentando assim uma grande dificuldade em todas as atividades realizadas em sala ou extra classe.*

Para Villa Sánchez (1999), crianças que se compreendem dentro destas características, dificilmente conseguem sair desta condição ao qual foi colocado. Infere-se a partir da fala da professora, que o apoio familiar seria um fator importante, principalmente para estas crianças desmotivadas. Sem a parceria adequada de todos nesta luta pela aprendizagem, o professor sozinho torna-se responsável em promover uma educação de qualidade.

Essas atitudes citadas anteriormente foram trabalhadas através de roda de conversa e nos combinados produzidos entre nós, tornando a convivência de todos muito melhor. Buscando superar as dificuldades demonstradas pelos alunos, a professora adotou as estratégias destacadas em sua fala. O uso da linguagem foi a

principal maneira encontrada para uma maior compreensão por parte dos alunos. A conversa objetiva, direta e respeitosa foi um dos instrumentos de pacificação e motivação.

Em contrapartida, a professora cita o caso de uma aluna, com dificuldades de aprendizagem e pronúncia das palavras. Porém esta é acompanhada pela família e por profissionais que não estão inseridos no contexto escolar, como um fonoaudiólogo. Desta maneira, não é vista pela professora como uma “aluna difícil”, mas sim como uma criança com limitações, que juntamente com o apoio da família tentam ser superadas, mas que ainda não tem um laudo oficial, que justifique suas limitações.

Um aspecto importante levantado pela professora foi a dificuldade em cumprir as regras, dito por ela como falta de limites: *Alguns precisam de limites, pois às vezes extrapolam na conversa e tenho que chamar a atenção sempre. Isso cansa um pouco. E atrapalha na aprendizagem.* Este empasse desgastou as relações, desmotivando-a e interferindo na aprendizagem daqueles que precisaram ser repreendidos com frequência, devido ao mau comportamento. Para tentar superar os comportamentos inadequados e sanar as dificuldades de aprendizagem a professora afirmou ter adotado estratégias como rodas de conversa e explicações da matéria repetidas vezes, agindo com paciência e perseverança.

A turma conversa muito umas com tons altos e outros baixos, expressando seus sentimentos, desejos e insatisfações. Mas quando me ponho em silêncio e de pé, olhando bem para eles, logo eles observam e moderam sua voz. Ao optar por esta atitude, a professora demonstra sua insatisfação pelas atitudes dos alunos, ou seja, é possível perceber a desaprovação através das expressões corporais e o clima criados pela professora. Logo, após o resultado da avaliação valorativa feita pela professora, estampado em sua atitude, os alunos modificam a maneira de agir, para receberem um novo olhar da professora. Villa Sánchez (1999) afirma que a criação de um ambiente positivo ou negativo pode agir como incentivo ou inibição, respectivamente, para o desenvolvimento adequado do autoconceito. (p. 32)

De uma maneira geral, a professora elogiou a turma. Afirmando ter um bom relacionamento com todos. Apesar de alguns conflitos cotidianos e as dificuldades de aprendizagem apresentadas por determinados alunos, ela avalia positivamente seu trabalho e o reflexo dele nas conquistas da turma. Afirmou ainda que, os alunos acreditam em seu potencial, mas muitas vezes falta uma motivação a mais para que eles o desenvolvam.

5.3 Terceira etapa

5.3.1 1º momento

A escuta da fala dos alunos a respeito de seus sentimentos, emoções, percepção de si e do contexto escolar ao qual estão inseridos é de grande contribuição para a compreensão da maneira como eles se reconhecem dentro do processo de aprendizagem, ou seja, seu autoconceito. Villa Sánchez (1999) afirma que “o objetivo principal da educação é o desenvolvimento pleno da pessoa e, para tal, uma de suas colunas é, indubitavelmente, a imagem que temos sobre nós mesmos e a valorização da mesma imagem”. (p.27)

Este momento da pesquisa, foi realizado com 7 alunos, da turma do 5º ano. Apesar de ser uma turma composta por 11 crianças, 4 delas não estavam presentes no dia. As crianças mostraram-se empolgadas com a proposta de realizar um momento diferenciado, fora da rotina habitual, visto que eram raros momentos mais descontraídos, em que as crianças pudessem expressar suas ideias.

Organizamos as carteiras em círculo e foi realizada a leitura do poema de Eron de Assunção, “O menino que não gostava de estudar” (Anexo 1). Foi aberta então uma Roda de Conversa, na qual os alunos livremente puderam falar sobre as suas compreensões do texto. A princípio mostraram-se um pouco retraídos, porém quando o primeiro aluno começou a falar, todo o resto se animou.

As crianças recontaram a história que escutaram. Cada um citava com suas palavras uma parte que recordava e aos poucos foi feito o relato. Apesar de várias vezes serem instigados por mim, a comparar a leitura com suas experiências

vividas ao longo de sua trajetória escolar, sentiam-se limitados à expressão de algumas ideias.

Em nenhum momento a professora regente ausentou-se da sala de aula. Este pode ter sido um dos motivos pelo qual as crianças não se sentiram à vontade em mostrar suas opiniões. Sempre que pediam a vez para falar, olhavam primeiramente para a professora, que se manteve indiferente, sentada em sua cadeira, no canto da sala. A professora naquele contexto era a pessoa mais significativa. Ao olhar para ela, os alunos esperavam o olhar de aprovação ou reprovação ao qual estavam acostumados, cada vez que respondia a perguntas cotidianas sobre os conteúdos trabalhados por ela.

Somente a Roda de Conversa não foi suficiente para a compreensão do autoconceito, construído em sala de aula, pois as crianças respondiam apenas “sim” ou “não”, quando perguntadas sobre suas experiências pessoais, respondendo de maneira mais completa apenas sobre a interpretação do texto. Sugeri, então, aos alunos que respondessem algumas perguntas em forma de questionário.

5.3.2 2º momento

Oba! Até que enfim vamos poder responder algo sobre a gente aqui na escola! (Aluna G11)

Foi entregue aos alunos um questionário com 18 questões abertas (Apêndice 3). Foram perguntas pessoais, que conduziram os alunos a refletir sobre a maneira que eram vistos tanto pelas pessoas significativas de sua convivência, quanto por si. Funcionou como uma espécie de diário, em que foi garantida a preservação da identidade e informações declaradas por eles. Uma vez que precisariam expor ideias positivas ou negativas sobre si, ou sobre as pessoas presentes naquele contexto. Assim, sem que pudessem ser repreendidos ou avaliados pelo teor de suas respostas, sentiram-se mais à vontade para relatar suas experiências e opiniões.

As duas primeiras questões tinham como objetivo saber o sexo e idade das crianças. A turma é composta por uma maioria feminina. Porém a questão do

gênero não mostrou interferência na construção do autoconceito da aprendizagem dos alunos.

A maior parte das crianças que responderam ao questionário possuem 11 anos. A outra parte possui 10 anos. Nesta idade os alunos estão em transição da infância para a adolescência. Além dos aspectos cognitivos, afetivos e comportamentais, nesta fase a maneira com que a criança se vê fisicamente tem grande influência na construção do autoconceito da aprendizagem. (Villa Sánchez, 1999)

Componente Cognitivo

“O Componente cognitivo do autoconceito é o que a pessoa vê quando olha para si mesma.” (Villa Sánchez, 1999, p.14).

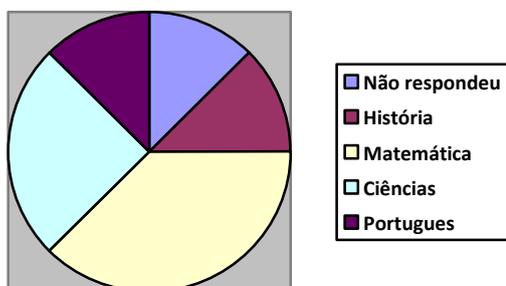
Pedimos para as crianças comentarem-se vêem, com relação às características físicas e sua personalidade. Abaixo alguns comentários:

<i>Acho que aquele menino estudioso e preguiçoso ao mesmo tempo. (M10)</i>
<i>Às vezes sou chata. (A10)</i>
<i>Eu acho meu cabelo bem grande. (G11)</i>

A maior parte das crianças descreveu suas principais características voltadas tanto para a aparência física, quanto para sua personalidade. Porém, os aspectos físicos tiveram maior destaque. Villa Sánchez(1999), assinala que as mudanças corporais tem grande importância na construção do autoconceito da aprendizagem, nesta fase da vida. Relataram sobre o cabelo (tamanho, formato e cor), altura (alta ou baixa), cor de pele (branca ou morena) e peso, sendo que, somente as crianças que se consideraram magras falaram sobre seu peso. É possível perceber a avaliação de valores, que interfere diretamente na auto-estima, através da fala dos alunos M10 e A10.

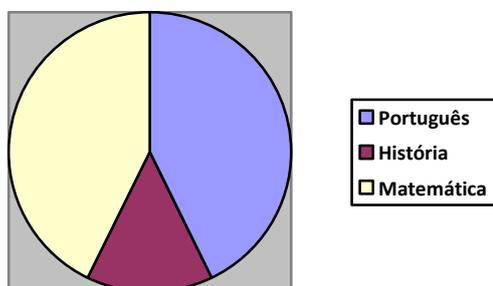
Também foi perguntado às crianças qual matérias apresentavam mais e menos facilidade para aprender. As respostas foram:

Gráfico 1: Matérias com mais facilidades:



As crianças responderam matérias diferentes, porém justificaram gostar, ter mais afinidade com as matérias em que apresentam facilidade em aprender.

Gráfico 2: Matérias com menos facilidades:



A maioria dos alunos possui dificuldade em aprender matérias voltadas para escrita e interpretação de texto, em que é preciso expressar ideias. Houveram alunos que mostraram possuir dificuldades em uma matéria que possui muitos cálculos. Ambas as crianças afirmaram não compreender devido a maneira que a professora ensina, ou seja, segundo elas, a didática usada pela professora não facilita a aprendizagem.

Nestes casos, a dificuldade em aprender não está voltada para a maneira como a criança se define, tampouco como é vista pelas pessoas significativas de seu contexto, mas sim pela maneira em que a professora transmite o conteúdo.

Ao perguntarmos como a sua professora reage diante das suas dificuldades de aprendizagem cerca de 6 crianças responderam que ela é persistente e que ajuda, explica e ensina. Apenas 1, M10, disse que a professora indica reforço escolar.

Dentre as 07 crianças que responderam o questionário, 6 delas demonstraram estar bastante confortáveis com a postura da professora. Através da fala dos alunos é possível perceber que a professora é disposta a ensinar quantas vezes for necessário. Assim como afirma a aluna A10: *Ela ensina várias vezes e às vezes mesmo assim eu não aprendo, mas ela explica de novo e de novo.*

Em contrapartida, o aluno M10, que apresentou dificuldades em sua interação com a turma e em sua aprendizagem, constatados desde a observação e fala da professora, afirmou: *Ela diz que preciso de um reforço, etc.*, sendo esta a única estratégia adotada pela professora para sanar suas dificuldades. É possível perceber em M10 um aluno totalmente desmotivado. Esta intervenção da professora, com olhares e atitudes visivelmente diferenciadas entre as crianças contribui para que M10 permaneça cada vez no local de “aluno difícil em que foi colocado”.

Componente Afetivo

De acordo com Villa Sanche(1999) “o componente afetivo é formado pelos os afetos, emoções e avaliações que acompanham a descrição de si mesmo”. A fim de identificar este componente na construção do autoconceito da criança perguntamos se ela gosta de estudar e por quê? Tivemos respostas equilibradas entre “às vezes” (4 crianças) e “sim” (3 crianças).

As 3 crianças que afirmaram gostar de estudar, disseram ser curiosas e motivadas a aprender. Já os 4 alunos que disseram gostar de estudar em apenas alguns momentos, justificaram sua resposta afirmando apresentarem algumas dificuldades, ou acharem determinadas disciplinas desinteressantes. *Nem tanto. Tenho algumas dificuldades, mas fico com medo de perguntar à professora e meus amigos rirem de mim. (M10).* É possível perceber a importância da interferência dos colegas de sala, como pessoas significativas, na formação dos conceitos “gostar”, ou “não gostar” do aluno M10. Além de sua preocupação com a maneira que será

visto por eles, procurando ter atitudes que possam ser aprovadas por estas pessoas. Confirmando as ideias de Villa Sánchez (1999), em que os colegas de sala tornam-se pessoas significativas e contribuem para a construção do autoconceito da aprendizagem.

Quando pedimos para comentar a sua relação com a professora as crianças responderam:

<i>Eu gosto muito da minha professora, quando ela briga com a minha turma eu fico com um frio na barriga. (aluna F11)</i>

<i>Nem tão boa às vezes... Às vezes temos algumas confusões. (aluno M10)</i>
--

Grande parte das crianças afirmou que sua relação com a professora nem sempre é fácil, pois percebem sua preocupação com a aprendizagem e comportamento delas como uma maneira de “pegar no pé”, de “chamar a atenção” da turma. Apenas um aluno afirmou não possuir uma relação muito positiva, por acontecerem conflitos entre eles.

Já, em relação aos colegas, afirmam ser boa ou excelente.

<i>Meus colegas são minha segunda família eu adoro eles. (aluna F11)</i>
--

<i>Boa, brincamos muito, mas tem umas pessoas que brigo muito (aluno M10)</i>

F11 afirmou considerar os colegas como uma segunda família, confirmando a ideia de que crianças já inseridas no contexto escolar tem os colegas de classe como pessoas significativas. Até mesmo o aluno M10, que em vários momentos demonstra dificuldades em sua socialização, enxerga a relação positiva.

Ao perguntarmos como se sentem quando acertam tarefas e provas em sala de aula as respostas foram variadas e positivas, porém cada criança se justificou, dando significado a opinião de pessoas diferentes. A aluna P10 respondeu *muito feliz, pois sei que todos vão ficar feliz*. Referindo-se às pessoas significativas de seu convívio. O aluno M10 afirmou *feliz, meus pais me elogiam e também ficam*

felizes, Mostrando a grande influência da maneira como a família o percebe, para a construção de seus sentimentos e percepção de si. Já um dos alunos afirmou: *Eu me sinto importante, principalmente quando a professora olha pra mim e dá um joia.*(aluna G11) Com isso, é possível perceber que estes alunos atribuem sua alegria à maneira com que as pessoas significativas de suas vidas os veem. Não se veem como vencedores, que superaram as dificuldades de uma prova, mas sim como aqueles que alcançaram as expectativas das pessoas importantes para eles, aspecto que parece melhorar seu autoconceito.

Componente Comportamental

“Trata-se do conceito que uma pessoa tem de si mesma, o qual influi claramente em seu comportamento cotidiano”. (Villa Sánchez, 1999.)

Sobre se costumam realizar todas as atividades propostas pela professora a maioria das crianças disseram realizar as atividades propostas. Entretanto, uma das crianças respondeu “*nem tanto*” é a considerada “problemática” aos olhares da professora. Em seguida era indagado o que os faria mudar de postura na sala de aula.

Todos os alunos apresentaram respostas diferenciadas. Alguns deles afirmaram que, o que motivaria sua mudança seriam escolhas voltadas para o próprio comportamento, como parar de conversar, ou uma reprovação. Outros estabeleceram uma possível mudança a fatores externos, como a internet ou estrutura familiar. Há ainda os que relacionaram sua dificuldade de aprendizagem à falta de esforço, afirmando que o aumento desta atitude os fariam aprender. A aluna L11 acredita que sua postura e dedicação precisam melhorar. *A minha dedicação eu mudaria, e na postura, porque eu acho que eu devo melhorar.* (aluna L11)

Através da fala destes alunos é possível perceber que a criança atribui seu fracasso ou sucesso escolar aos próprios esforços, porém, os resultados das construções do autoconceito nos processos educacionais são consequência de uma série de fatores.

Olhares significativos

A maneira como se é visto funciona como lentes, que permitem a própria visão de si. Villa Sánchez (1999) destaca a importância que os outros indivíduos significativos (pais, professores, colegas e amigos) têm na formação do autoconceito. “A partir das manifestações e das ações destas pessoas, as crianças adquirem consciência de serem indivíduos dignos de apreço ou de desprezo.” (p. 18)

Solicitamos que analisassem a postura de Joãozinho e refletissem sobre a maneira como se veem, a partir de algumas questões como: Que tipo de aluno(a) sua família acredita que você seja?

A maioria afirmou serem vistos de maneira positiva. Alguns alunos relacionaram aos aspectos cognitivos afirmando tirarem boas notas e serem vistos estudando com frequência, como na fala da F10: *Esforçada. Porque toda noite esses vê eu estudando todos os dias sem falta.* Outros relacionaram aos aspectos comportamentais, afirmando demonstrarem esforço e postura obediente em casa. O aluno M10, que afirmou *O estudioso e teimoso... Porque às vezes tiro notas boas, mas às vezes entro em confusões,* compreende a visão de ser “bom”, a partir de suas notas. A maneira de se relacionar com os outros também mostra influenciar os olhares da família.

Após falarem sobre o olhar da família, responderam a mesma pergunta, mas agora em relação à professora.

Novamente as respostas foram positivas, porém divididas entre aspectos cognitivos e comportamentais. Apenas o aluno M10 acreditou ser visto pela professora negativamente. *O preguiçoso... Ela diz que tenho preguiça de fazer coisas... Às vezes é verdade. (aluno M10)* Este aluno sente-se até mesmo convencido de que seu desinteresse seja consequência da preguiça. Confirmando a fala de Villa Sánchez (1999), em que o professor aparece aos olhos do aluno um notável poder de influência na construção do autoconceito.

Agora é a vez dos colegas. A maneira como os alunos acreditam ser vistos pelos colegas de sala dividem opiniões. Apenas uma criança afirmou ser vista

como estudiosa e feliz, enquanto as outras afirmaram ser reconhecidas, principalmente pelo comportamento, sendo ele positivo ou negativo.

<i>Um bom amigo. Porque sou companheiro, amigo e legal. (aluno R11)</i>
<i>O que se mete em muitas confusões. (aluno M10)</i>
<i>Uma aluna que fala demais. (aluna L 11)</i>

Depois procurou-se saber qual das 3 opiniões era mais importante: família, professora ou colegas.

Nesta questão a maior parte dos alunos afirmou que a opinião mais importante seria a da família. Para Villa Sánchez (1999), a criança tem a família como pessoas significativas e formam seu conceito de si a partir dos olhares destas pessoas. Com o passar do tempo, vão dando importância à opinião de outras pessoas significativas de seu contexto, como professores e colegas de classe. Apenas um dos alunos escreveu que para ele a importância maior é a sua consciência de que precisa estudar “para ter um futuro melhor”.

Em seguida perguntou-se qual das 3 opiniões poderia ser considerada verdadeira ou se se percebia de forma diferente das 3. Esta pergunta dividiu opiniões. Apenas um aluno afirmou se parecer com um pouco de cada uma das três opiniões. Duas crianças afirmaram ser o que a família acredita. Outros dois se veem da mesma forma que os colegas os veem. Os dois últimos afirmam ser como a professora pensa, entre eles está o aluno M10, considerado “preguiçoso”. Este que se vê de maneira negativa, durante toda a pesquisa, demonstrou ter baixa auto-estima e não acreditar em seu potencial, assumindo um papel de preguiçoso, entre outras características negativas descritas durante a pesquisa.

Durante as três etapas da pesquisa foi possível perceber que os alunos estão em constante construção de seu autoconceito, pois assim como foi citado anteriormente pelo autor Villa Sánchez (1999), o autoconceito não é inato, sendo construído ao longo da vida. A maneira como se veem em seu processo de aprendizagem está fortemente vinculada ao rendimento (notas e comportamento) e à perspectiva dos pais e da professora, com relação a este processo.

A escola busca ensinar principalmente conteúdos fragmentados, divididos por matérias, característica da Modernidade, fortemente presente no período Pós-moderno em que vivemos. Porém, foi possível confirmar através das etapas realizadas, com base na teoria Histórico-Cultural que a aprendizagem se torna mais significativa através das experiências e relações que o sujeito mantém com o outro.

Alguns alunos apresentaram dificuldades em aspectos diferenciados. O aluno M10 visto pela professora como “aluno difícil”, criou um conceito sobre si, a partir deste pensamento, ou seja, desde o início, de acordo com a observação e os relatos da professora, até o momento final da pesquisa, este aluno mostrou-se desmotivado, com baixa auto-estima. Através da fala do próprio aluno, foi possível perceber que ele mesmo não se sentia capaz de superar o lugar de “aluno difícil” e “preguiçoso”, ao qual foi colocado.

Apesar de nesta fase de desenvolvimento as transformações do corpo serem percebidas e dadas como importantes pelas crianças em transição, não foi possível perceber em nenhuma das etapas influência das características físicas ou de gênero na construção do autoconceito. Os alunos se consideravam “bons”, ou “maus” de acordo com a maneira que eram vistos pelas pessoas significativas de sua convivência, somada ao rendimento escolar (que foi resumido pelos próprios alunos a notas).

6 Considerações finais

No contexto da aprendizagem escolar, os dados confirmaram que o autoconceito vai se formando ao longo das relações e das reações que as pessoas significativas para o sujeito emitem após os acontecimentos e ações.

Quanto à maneira que as crianças se veem em seu processo de aprendizagem, foi possível analisar através da fala dos próprios alunos, que aqueles que possuem um autoconceito forte e positivo, tendem a evoluir com mais facilidade e motivação. Enquanto os alunos que vem sendo colocados no lugar de “difíceis”, tendem a construir um autoconceito fraco e negativo, demonstrando desmotivação e dificuldade em sair desta condição.

De acordo com os dados, a família permanece sendo a parte mais significativa para as crianças, mesmo nesta fase do desenvolvimento em que há convivência com diversas pessoas e assumem papéis sociais diferenciados. A avaliação valorativa de suas atitudes, por parte dos colegas de classe, é fundamental para que as crianças aumentem ou diminuam sua auto-estima, que contribui para o autoconceito. Porém, em sala de aula, a professora detém a maior importância na construção do autoconceito.

As palavras, olhares e atitudes que a educadora lança ao seu aluno podem ser cruciais para o fracasso escolar, como podem ser o impulso para o sucesso tanto em sua aprendizagem, quanto na maneira em que se percebe como ser social. Dados estes, percebidos através da fala das crianças, que recebem tratamentos diferenciados e desenvolvem concepções de acordo com essas vivências.

Os objetivos propostos pela pesquisa foram alcançados, uma vez que foi possível compreender como as diferentes evoluções do autoconceito acontecem no processo de aprendizagem. Para pesquisas seguintes, seria interessante intervenções que influenciem positivamente a construção do autoconceito no processo de aprendizagem, além da medição dos níveis do autoconceito, através dos instrumentos propostos por Villa Sánchez(1999).

Por fim, ao concluir este trabalho, reconheço o quanto o tema da pesquisa se relaciona não somente a crianças na faixa etária abordada, mas para mim como pesquisadora. Assim como afirma Villa Sánchez(1999), o autoconceito se constrói ao decorrer da vida. Me senti ainda mais motivada e capaz, a cada etapa do Trabalho de Conclusão de Curso concluída e a cada incentivo de minha família e professora.

Ao assumir o papel de pedagoga, consciente dos diversos fatores que juntos proporcionam a educação, pretendo proporcionar aos meus alunos condições para que se reconheçam capazes de enfrentar os desafios trazidos pelo processo de aprendizagem.

7- Referências

ALVES, LAURAM.S.ARAÚJO, **Auto-Estima de Professores e Alunos do Ensino Fundamental em uma Escola Pública na Região Amazônica: Desafios no Processo de Aprendizagem**, Disponível em <http://each.uspnet.usp.br/pbl2010/trabs/trabalhos/TC0339-2.pdf>, Acesso: em 19 de Setembro de 2017.

NASCIMENTO,L.R.; PRATTI, R.C.B., **Pedagogia da afetividade no processo de ensino aprendizagem**, Disponível em http://serra.multivix.edu.br/wp-content/uploads/2013/04/pedagogia_da_afetividade_no_processo_de_ensino_aprendizagem_rosineia_e_luciola.pdf, Acesso: 19 de Setembro de 2017.

MORAN, J. M., **A educação que desejamos novos desafios e como chegar lá**, 2. Ed. São Paulo: Papirus, 2017.

GIUSTA, A. da S. 1985. **Concepções de Aprendizagem e Práticas Pedagógicas**. In: Educ.Rev. Belo Horizonte, v.1: 24-31.

CASASSUS, JUAN, **Fundamentos da educação emocional** – Brasília: UNESCO, Liber Livro Editora, 2009.

OLIVEIRA, MARTHA KOHL DE, **Vygotsky: aprendizagem e desenvolvimento; um processo sócio-histórico** – 4. Ed. São Paulo; Scipione, 1997.

VILLA SÁNCHEZ, AURÉLIO, **Medição do autoconceito** / Aurélio Villa Sánchez, Elena Auzmendi Escribano; tradução Cristina Murachco. – Bauru, SP :EDUSC, 1999.

Estatuto da Criança e do Adolescente

Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069.htm>

MELLO, SUELY AMARAL, **Infância e humanização: algumas considerações na perspectiva histórico-cultural**. PERSPECTIVA, Florianópolis, v. 25, n. 1, 83-104, jan./jun. 2007

OLIVEIRA, ALMIR ALMEIDA DE, **Observação e entrevista em pesquisa qualitativa**. Revista FACEVV | Vila Velha | Número 4 | Jan./Jun. 2010 | p. 22-27

SALAMUNES, N.L.C., **Observação na pesquisa e na intervenção educacional –a busca da coerência operacional**. UFRGS,2011.

8- Apêndices

Apêncide-1



Universidade de Brasília
Faculdade de Educação

Roteiro de observação

- 1- **Relação entre professora/aluno:** Observar a maneira com que a professora se direciona aos seus alunos, seja para explicação de matérias, seja para uma conversa informal.
- 2- **Relação entre aluno/professor:** Observar as atitudes dos alunos para com a professora, desde a maneira com que a recebem, até a maneira com que tiram dúvidas.
- 3- **Relação entre alunos/alunos:** Verificar o tratamento que os alunos dão uns aos outros.
- 4- **Dificuldades apresentadas durante a aula:** Observar se surgem dificuldades durante a aula, sejam elas cognitivas, afetivas ou comportamentais.
- 5- **Facilidades apresentadas durante a aula:** Observar se surgem facilidades, principalmente com relação a matérias durante a aula.
- 6- **Estratégias utilizadas pela professora para superar possíveis dificuldades:** Observar as atitudes da professora diante das dificuldades do dia a dia. Atentar-se para estratégias de motivação.
- 7- **Estratégias utilizadas pelos alunos para superar possíveis dificuldades:** Verificar o tratamento que os alunos dão uns aos outros diante das dificuldades do dia a dia. (Eles se ajudam?)
- 8- **Comportamento dos alunos:** Observar se há respeito nas relações em sala e para com as regras da sala de aula.

Apêndice-2

Universidade de Brasília
Faculdade de Educação

Eu, Thalita Moreira Rodrigues, portadora do RG 2659045, regularmente matriculada na Universidade de Brasília, no curso de Pedagogia, cuja matrícula é 17/0156877, solicito que participe desta pesquisa intitulada “**O processo de aprendizagem e a construção do autoconceito**” como parte do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), que tem como objetivo analisar como as crianças entre 10 e 11 anos de uma escola privada do Gama (DF), desenvolvem seu autoconceito em seu processo de aprendizagem. Assim, conto com você professora para responder as questões abaixo, pois elas são importantes para o esclarecimento da pesquisa. Destaco que sua identidade será totalmente preservada.

- 1- Qual é a turma de sua regência?
- 2- Sua turma possui quantos alunos?
- 3- Qual é a faixa etária dos alunos matriculados nesta turma?
- 4- Algum aluno apresenta dificuldades de aprendizagem?
- 5- Algum aluno demonstra dificuldades em sua socialização?
- 6- Algum aluno possui dificuldades na relação com a professora?
- 7- Quais são as suas estratégias para amenizar ou sanar as dificuldades apresentadas pelos alunos?
- 8- Quais foram suas expectativas com relação à turma no início do ano?
- 9- Descreva sua turma de acordo com a sua percepção desde o início do ano até os dias atuais, baseada em sua convivência com ela. (leve em consideração aspectos voltados para a socialização, aprendizagem e a auto-estima dos alunos)

Apêndice-3

Universidade de Brasília
Faculdade de Educação

Pesquisa de campo

- 1- Você é:
()Menino ()Menina
- 2- Qual é a sua idade?
- 3- Comente um pouco sobre como você se vê, com relação às características físicas e sua personalidade.
- 4- Você gosta de estudar? Por que?
- 5- Como é a sua relação com a sua professora? Comente.
- 6- Como é a sua relação com os seus colegas de sala? Comente.
- 7- Você costuma realizar todas as atividades propostas pela sua professora?
- 8- Qual matéria você mais gosta? Por que?
- 9- Qual é a matéria que você tem mais facilidade em aprender? Por que?
- 10- Qual é a matéria que você tem menos facilidade em aprender? Por que?
- 11- Como a sua professora reage diante das suas dificuldades de aprendizagem?
- 12- Como você se sente quando acerta as tarefas e provas em sala de aula? Por que?
Analisando a postura de Joãozinho e refletindo sobre a maneira como você se vê, responda:
- 13- Que tipo de aluno(a) sua família acredita que você seja? Por que?
- 14- Que tipo de aluno(a) sua professora acredita que você seja? Por que?
- 15- Que tipo de aluno(a) seus colegas de classe acreditam que você seja? Por que?
- 16- Para você, qual das opiniões entre família, professora e colegas é mais importante? Por que?
- 17- Qual das três opiniões, respondidas nas questões 13/14/15, é a verdadeira?
Caso você se perceba um aluno(a) diferente, comente sua opinião.

18-O que faria você mudar a postura que tem atualmente em sala de aula?
Explique.

9-Anexo



Universidade de Brasília
Faculdade de Educação

O MENINO QUE NÃO GOSTAVA DE ESTUDAR

O seu nome era Joãozinho
Não gostava de estudar
A mãe dele reclamava
E ele nada de escutar
Pois tudo o que ele queria
Era somente brincar
Ele era muito esperto
Se fingia de manhoso
Sua mãe não acreditava
Que fosse tão preguiçoso
E o resto da família
O chamava de teimoso
Ele disse estar doente
Disse que era catapora
Sua mãe desconfiada
Prontamente deu-lhe um
fora
mandou que ele
levantasse
E ele disse: vou embora
Joãozinho na escola
Era desobediente
E brigava com os colegas
Quando estava impaciente
Quando vinha do recreio
Já estava sem um dente
A professora irritada
Foi para a diretoria
E ligou para a mãe dele
Pois na sala ele corria
Se a mãe dele o pegasse
Uma surra levaria
Joãozinho para a prova
Nunca, nunca estudava
Toda prova que fazia
Sempre, sempre ele filava

O resultado era o mesmo:
Sempre um zero ele tirava
Gazeava todo dia
Detestava matemática
E também era ruim
Na matéria de gramática
E a mãe dele se estressava
E ficava antipática
Os trabalhos escolares
Eram muito rabiscados
Sua letra era ilegível
O papel todo borrado
O caderno muito sujo
E quase todo rasgado
Para as tarefas do quadro
A professora o chamava
Ele respondia errado
E por isso se mijava
por ficar muito nervoso
Ele logo pinotava
No passeio do colégio
Ele desobedecia
E pulava nas cadeiras
E por isso ele descia
A diretora do colégio
Dizia que ele não ia
Quando alguém pedia
ajuda
Ele não sabia dar
O menino chateado
Começou a reclamar
Deixou de falar com ele
Foi pra casa se queixar
Nas tarefas lá do livro
Na última folha olhava
E as respostas que queria
Ele apenas copiava
E com a cara mais lisa
A tarefa entregava
Nesse mesmo dia então
conversando com os seus

pais
viu que estavam amuados
Já não reclamavam mais
De repente ele sentiu
Que o desprezo era
demais
A tristeza dos seus pais
Passou a lhe incomodar
Percebeu que era ele
Que causava o mal estar
Ele não dormiu direito
Com vontade de chorar
Uma vez aconteceu
Uma coisa inesperada
Joãozinho na escola
Não fazia palhaçada
E prestava atenção
Na lição que era ensinada
Descobriu que o estudo
Era coisa que gostava
Que somente com leitura
Sua mente viajava
Aprendia coisas novas
E por isso se animava
E pediu a sua mãe
Pra ter aulas de reforço
Ficou muito interessado
Dedicou-se com esforço
Lia agora muitos livros
Porque estava mais
disposto
E por ter se interessado
Nos estudos melhorou
Suas notas aumentaram
A mãe dele adorou
Foi assim que em pouco
tempo
Ele se recuperou
Sua mãe ficou feliz
Com as notas que tirava
O seu pai ficou alegre

Era tudo o que sonhava
E o resto da família
O menino elogiava
a mudança de Joãozinho
Era muito emocionante
Ajudava os professores
Que achavam fascinante
Virou o xodó da sala
Se tornou representante
Desse jeito foi passando
Nunca mais foi reprovado
Terminou a faculdade
E virou advogado
Defendeu muitas pessoas
E era bem recompensado
Essa história é pra dizer
Que somente a educação
Muda a vida das pessoas
Faz da gente um cidadão
todo mundo sai ganhando
Essa é a nossa opinião

(Eron de Assunção, disponível em
<http://www.recantodasletras.com.br/cordel/1255006>)